

Sobre movimentar uma cidade- pesquisa

About moving a research-city

Tamiris Vaz¹

Resumo:

Uma viajante pesquisadora que se propõe a construir sua cidade-pesquisa se depara com desafios e desapegos que deslocam o pensamento e produzem aprendizagens pelas incompletudes e imprevisibilidades. Entre desvios, paradas, pavimentações, atalhos pelo barro, sobre(vive). Em diálogo com a a/r/tografia ela inventa uma cidade-pesquisa e busca moradores que a queiram habitar. Enquanto isso investiga itinerários singulares de seu próprio aprender.

Palavras-chave:

Cidade-pesquisa; A/r/tografia;
Aprendizagens; Percursos; Invenção.

Abstract:

With the intent to build her research-city, a researcher traveler faces challenges and detachments that displace thoughts and produce learnings by incompletenesses and unpredictabilities. Between detours, stops, pavements, shortcuts through mud, she out(lives). In dialog with a/r/tography she invents a research-city and looks for inhabitants who want to live in it. Meanwhile she investigates singular itineraries of her own learning.

Key words:

Research-city; A/r/tography; Learnings;
Percourses; Invention.

1 Universidade Federal de Goiás, tamirisvaz@gmail.com

Se a pesquisa for vista como uma cidade em contínuo movimento, habitada por autores, conversas, conceitos, ideias, o que posso fazer para que essa cidade-pesquisa se desenvolva, se torne um lugar instigante, potente e vivo? Que caminhos percorremos entre o planejamento e os desafios imprevisíveis de uma cidade que se modifica nela mesma, mudando sem deixar de ser o que é - cidade? O processo de pesquisar não se encerra em um ciclo para iniciar tudo de novo em outro, ele é contínuo; mudamos de casa para ver a cidade de outros ângulos.

A cidade-pesquisa de que trato aqui acontece a partir do deslocamento entre uma investigação de mestrado e sua continuidade no processo doutoral. É uma cidade que adquire novos moradores, novas construções e que, para isso, também sofre algumas demolições, redireciona algumas avenidas e cria novas possibilidades de deslocamento e permanência.

A apresentação de uma dissertação ou tese é o momento em que montamos uma mala com aquilo que consideramos mais importante de uma jornada de algum tempo habitando uma casa na qual recebemos muitas visitas e dividimos muitas experiências. É o momento de rascunhar um mapa, montar um álbum de fotografias e narrar para moradores de outros bairros, outras cidades, outros mundos, um pouco do que foi vivido e pensado.

Acabo de organizar as malas ao final de uma viagem em terras movediças, uma jornada de três anos por uma cidade-pesquisa. Diferente de uma viagem turística, viajar por uma cidade-pesquisa é percorrer territórios que não existem à priori, pois estão a todo o tempo fazendo-se e desfazendo-se em si mesmos. Para que eu pudesse conhecer essa cidade, percorrer suas vielas e encontrar seus habitantes foi preciso inventá-la, erguer construções que se sustentassem nas terras que dispunha, plantar vidas que resistissem aos climas que me atravessavam e encontrar habitantes que desejassem viver comunitariamente nos territórios que fui compondo. Trata-se de um tenso jogo entre invenções e saberes que constantemente me desafiavam a dizer o que faz de uma cidade cidade e de uma tese tese.

Traçar um roteiro antes de iniciar a viagem, apresentando autores que pretendia visitar, ruas que desejava percorrer, encontros que ansiava travar foi muito importante para que eu soubesse a direção para onde iniciaria o percurso ou, pelo menos, para proceder alguns recortes em meio às inúmeras possibilidades de partida, mas nada

disso garantiu ou previu resultados de antemão. Cada viagem é única e intransponível, o que torna a jornada investigativa tão perigosa e fascinante.

Neste texto me proponho a narrar alguns pensamentos ocorridos ao longo dessa desafiadora viagem, entre ruas que precisei pavimentar, ferramentas que tive que improvisar, desvios, cansaços e alegrias que me acompanharam e me fizeram aprender sobre a cidade, a pesquisa e principalmente, sobre mim enquanto pesquisadora viajante.

A partir da realização de fotografias no espaço urbano e da movimentação delas em conversas com moradores e em intervenções urbanas, fui escrevendo narrativas e pensando no quanto esses processos afetavam meus modos de aprender a pesquisar e a viver na cidade. É uma cidade-pesquisa que fala de sua própria construção, dos processos que provocam constantes mudanças na investigação pelos itinerários da investigadora. Neste texto trago um pouco do que aprendi com esses itinerários, entre habitar e inventar minha cidade-pesquisa.

Preparando as malas

Para onde ir? Antes de iniciarmos qualquer viagem é importante sabermos o que nos interessa das inúmeras possibilidades de itinerários. Queremos descanso ou badalação? Lugares desertos ou movimentados? Conhecer novas línguas ou explorar nossos próprios dialetos? Buscar oportunidades de trabalho ou afastarmo-nos de tudo que diz respeito à nossa formação? Enfim, temos alguns interesses e selecionamos lugares que melhor se adéquem a eles. No caso de minha viagem investigativa, havia recém concluído um mestrado em Educação no qual pesquisei sobre o aprender-me professora em encontros vividos em uma ação artística colaborativa, experimentando pensar a docência a partir de devires artísticos que colocavam a vida cotidiana em movimento. Sendo uma artista/pesquisadora/professora desenvolvendo coletivamente uma performance participativa em um evento realizado no espaço urbano, buscava criar fissuras em minhas práticas de docência. Meu foco investigativo estava no diálogo entre esses encontros e meus descaminhos enquanto professora.

Findado o mestrado e iniciando essa nova viagem que resultaria em uma tese de doutorado, meu desejo era de deslocamento. Mudei de cidade, retirei a ênfase da prática docente e almejei abordar as aprendizagens que repercutiriam dessa mudança territorial. Queria trabalhar com imagens, com urbano, com educação, com um olhar artístico, mas não necessariamente com obras de arte ou com a docência, e, tendo em vista tais interesses, abandonei meu emprego como professora da rede estadual no Rio

Grande do Sul e busquei uma vaga junto ao Programa de Pós Graduação em Arte e Cultural Visual (UFG), na cidade de Goiânia.

Feita a escolha, sendo aceita e com o salvo conduto em mãos, passei a estudar os mapas do novo território que adentraria. Como é o terreno onde pisarei? Que clima predomina? Chove muito? Faz muito calor? O chão onde pisarei é de terra batida, asfaltado, acidentado, movediço? Que roupas levarei? De quais ferramentas necessitarei? Foi preciso ser econômica, levar apenas aquilo que conseguiria carregar, mas também foi importante estar prevenida para mudanças climáticas, emergências e imprevisibilidades que toda viagem acaba oferecendo.

Mudar de cidade não significou abandonar uma cidade-pesquisa e ingressar em outra totalmente nova e intocada. Quando parti para a cidade-pesquisa doutoral levei as malas cheias de experiências, expectativas, intenções e vícios, além de um repertório investigativo para ser revisitado e pensado a partir de novos itinerários. Entendi depois que se tratava mais de uma mudança de casa do que de cidade. Parti para uma nova casa que me permitiu olhar para minha cidade-pesquisa de outros ângulos e fazê-la seguir em outros movimentos.

Com o tempo percebi que nem tudo o que carreguei na mudança seria útil e que precisaria abrir espaço para novas aquisições, novas combinações com as ferramentas que já dispunha. Em minha mala levei um problema de pesquisa que foi se debatendo, perdendo pedaços, se misturando à poeira da estrada até sobreviver enquanto um processo de 'experimentar o que percursos urbanos produzem em uma pesquisa e em uma pesquisadora quando atravessados por aprendizagens em devir disparadas por visualidades em excesso'. O interesse por aprendizagens e devires eu trazia em minha mala. As visualidades e os excessos agreguei pelo caminho entre *perceptos* e *afectos*² que fui movimentando ao longo dos percursos. E assim iniciei a estadia na nova casa.

Reconhecendo territórios

Quando decidi estudar e residir em Goiânia, busquei informações sobre a cidade, sobre seu clima, seus investimentos culturais, seus bairros e economias. Li que era uma cidade quente, famosa por suas áreas verdes e preparei minha mudança tendo em vista essas características.

Logo comecei a perceber nuances que não estavam escritas ou visíveis nas

2 *Percepto*, para Deleuze e Guattari (1992: 199) "é a paisagem anterior ao homem", não no sentido temporal, mas de sensações que sobrevivem para além das percepções individuais, tornando-se assim ele próprio repleto de vida. Já o *afecto* é produzido quando movimentamos esses perceptos, provocando novos caminhos para o sentir. Isso acontece, por exemplo, quando produzimos uma obra de arte e a colocamos em contato com o público, permitindo que sensações imprevisíveis sejam movimentadas.

generalizações da internet. Sabia que encontraria terra vermelha, mas não sabia do menino que batuca em um violão e mancha sua roupa de barro ao se jogar em uma poça de água da chuva. Sabia que havia praças, mas não que algumas delas abrigaram casas e se transformaram em moradia de habitantes do bairro onde iria residir. Sabia das ruas, mas não de seus desvios de terra atravessando terrenos. Sabia do café, mas não de seu gosto exageradamente doce. Sabia da pamonha, mas não que ela era ‘de sal’ em vez de ‘salgada’ como em outros lugares. Enfim, sabia como era a Goiânia dos mapas, mas não do que as pessoas fazem diariamente com ela e com que intensidades cada um desses acontecimentos reverberaria em mim.

Em uma viagem que é também pesquisa é importante desnaturalizarmos certas noções que possuímos de cidade e passarmos a nos perguntar: O que pode uma cidade? O que pode essa cidade? O que podemos e queremos nessa cidade-pesquisa?

Uma cidade é composta de uma série de elementos: praças, ruas, casas, comércio, igrejas, bancos, portões que separam espaços públicos e privados... e também é composta pelos fluxos não planejados, visualidades de desvio, onde postes e calçadas viram suporte para publicidades clandestinas, casas são construídas sobre terrenos de praças, lixos são depositados em esquinas inadequadas. Pensar uma cidade é se mover entre normas, transgressões, itinerários, desvios, problemas previsíveis e contornos inesperados entre necessidades e desejos que atualizam modos de habitar.

Assim também é a cidade-pesquisa. Nem tudo pode ser pesquisa e nem toda pesquisa é bem recebida em todos os departamentos, por isso, produzir uma cidade-pesquisa exige atenção às áreas de risco, aos abrigos possíveis, às paradas permitidas. O que pensam meus novos professores sobre pesquisa? Quais territórios de ação são aceitos e incentivados? Que autores são lidos e como eles dialogam com o repertório que trago?

Nesse envolvimento com os territórios acabei por agregar aos meus discursos conceitos e práticas (visualidades, autoetnografia) e a multiplicar possibilidades de continuar produzindo narrativas de aprendizagem com outros autores que ainda não utilizava (Ellsworth, 2012); (Gargallo, 2003). Trata-se de estar aberta a encontros com novos habitantes que enriqueceram e fizeram crescer culturalmente a cidade que se modificava constantemente.

Encontrar doses de flexibilidade, estando aberta para experimentar caminhos diferentes dos percorridos até então, foi uma aprendizagem importante. Para produzir uma cidade-pesquisa entendi a importância de conhecer a organização que já existe nos terrenos onde elevamos nossa cidade, buscando dialogar e não impor nossos modos de organização como os corretos ou melhores.

Envolvendo-me com novos cotidianos observeique no bairro onde passei a residir havia a presença de muitos papéis colados em postes, paredes e árvores para divulgar serviços, espetáculos, casas para alugar ou oportunidades de emprego. Como já havia explorado em minha poética artística o uso da imagem impressa na cidade, decidi investigar, em diálogo com essa prática dos moradores, a possibilidade de expor narrativas escritas e visuais no ambiente urbano com a técnica do lambe-lambe. A partir de uma coleção fotográfica daquilo que chamei de ‘visualidades de excessos’, fui criando narrativas sobre o que via e entendia nos percursos que fazia diariamente entre minha casa e a universidade, e compartilhei um pouco desse material através de intervenções nos mesmos locais onde outros materiais gráficos eram também afixados pelos moradores.



Figura 1: Visualidades de Excessos. Fonte: acervo da pesquisadora

As visualidades de excesso eram visualidades repetidas, elementos presentes em vários momentos e lugares do cotidiano nesses espaços, insistindo para serem experimentados, vistos e vividos. Excesso de chuva em um período do ano, excesso de seca em outro, excesso da cor amarela, excesso de calangos entre as brechas dos muitos muros. Esse primeiro olhar para as visualidades, um híbrido de curiosidade e estranhamento, me impulsionou a pensar sobre as experiências no acontecer dessas repetições e em como eu poderia aprender para além das aparentes redundâncias.

As narrativas produzidas a partir desses excessos foram o mote inicial para que eu pudesse colocar minhas aprendizagens em movimento, produzindo *perceptos* e *afectos* que dialogassem com a cidade e seus moradores, de modo a multiplicar saberes ao confrontar minha visão individual com o coletivo urbano. Das imprevisibilidades da exposição a intempéries e do contato com os moradores, a cidade-pesquisa pôde se movimentar em devires de vida que, aos poucos, abriram brechas nas certezas que eu trazia sobre cidades e pesquisas.

Parando para ver e ouvir

Quando fotografo, quando converso com moradores e também ao observar as intervenções sofrerem a ação do tempo, deixo que as coisas se modifiquem para além de meu direcionamento. Foi importante lembrar, a cada momento, que não estava inventando sozinha uma cidade só para mim. O que estava fazendo era aprender a partir do que já existia, dos caminhos já traçados, planejando novas possibilidades de combinação, novos atalhos, novos jeitos de viver coletivamente, fazendo com que itinerários se diferenciasssem de si mesmos por minhas singularidades que passaram a compor parte do que eles eram.

Movimentar uma cidade-pesquisa não demanda produzir aceleradamente. Pelo contrário, é importante que haja um processo de ‘perder tempo’, pois a aprendizagem, segundo Kastrup (2007), não envolve somente a criação de hábitos, mas de habitar territórios em errâncias e assiduidades. Conhecer a cidade é um processo contínuo e lento de experimentação para escapar das generalizações que prontamente nos são passadas quando chegamos em um lugar novo: ‘Aqui o povo é acolhedor’; ‘Aqui todo mundo gosta de sertanejo’; ‘Aqui o povo é humilde e interiorano’. É preciso tomar cuidado para não nos identificarmos prontamente com o que dizem de nós e para não tomarmos como regra imagens unívocas sobre as pessoas e os lugares. Conversando com as pessoas, vivendo repetidamente o cotidiano de ser moradora, sem pressa e precipitações, vamos conhecendo e criando facetas singulares fora de rótulos reducionistas.

Larrosa(2002) alerta sobre os perigos da pressa para o acontecimento da experiência. Vivemos em um mundo totalmente voltado para o acúmulo de trabalho e não dedicamos tempo para o demoramento do olhar, da escuta, do sentir... Insistimos em julgar, opinar, apreender e partir para o próximo cenário sem vivermos verdadeiramente o acontecer de nosso corpo singularmente em cada encontro. Produzir uma pesquisa não é criar algo totalmente novo e original, mas partir dos repertórios que possuímos e que vamos adquirindo nos percursos para ver de outras maneiras o que já foi visto, dizer de outros modos o que já foi dito e, assim, alargar possibilidades de nos compreendermos agindo no mundo.

Gros(2010) diz que caminhar é uma brincadeira de criança, maravilhando-se com o banal, perdendo tempo, sem metas, sem necessidades de acumular saberes, simplesmente aprendendo. Não ser um papel a desempenhar ou um status a manter, mas ser um corpo que sente a paisagem, que se torna também paisagem. Caminhar por uma cidade-pesquisa não é planejar um itinerário fixo, compor um mapa anterior ao caminho, um sumário anterior à escrita, uma resposta anterior à pergunta. Não caminho pensando no que farei quando voltar para casa escrever a tese, mas sigo,

sem retorno, pois nem os lugares e nem eu mesma continuaremos os mesmos depois de cada jornada. A escrita não se dá sozinha. Componho-me pesquisa em movimento, escrevo pela marca de meus passos, pelos esbarrões com outros moradores, pelas falas, sopros, marcas, encontros e desvios das estradas que se formam na pressão do caminhar.

Encontrando ferramentas

Desde o início da jornada doutoral tinha o desejo de fazer dessa investigação uma pesquisa viva. Que dela emanassem energias e cansaços de meus percursos pelo urbano, que, como diz Gros (2010), o texto respirasse sem rescender o ar pesado de gabinetes e escritórios.

Para que desejemos habitar uma cidade, ela precisa nos proporcionar ares respiráveis, permitir a entrada de raios luminosos e de ventos revigorantes que não sejam aprisionados por erudições mortas (Gros, 2010). Gros fala de livros que ficam presos entre paredes, tornando-se indigestos, pesados como gansos de engorda, abarrotados de citações que acabam sendo lidas com lentidão, tédio e dificuldade. Trata-se de pensamentos que não brotam de movimentos, pois já nascem desprovidos de articulações. Em uma pesquisa que é viva, todavia, moramos na paisagem através dos devires que movimentamos. “Ao caminhar, avalio as dimensões da minha moradia” (Gros, 2010), abandono um abrigo não para buscar uma nova segurança, mas para abalar as limitações entre o ‘de fora’ e o ‘de dentro’. São esses movimentos que me permitiram encontrar os pensamentos das pesquisas baseadas nas artes, especialmente através da a/r/tografia.

A/r/tógrafos pensam suas práticas como ocasiões para produzir conhecimentos nos quais o processo torna-se tão importante quanto (ou mais importante que) os resultados alcançados (Irwin, 2013). Para Irwin, trata-se de investigações que ajudam educadores a estudar maneiras de aprender a aprender e, por isso, são entendidas como ‘pesquisas vivas’, atentas ao cotidiano e às ligações possíveis de serem exploradas em meio aos espaços onde se vive.

Contiguidade, pesquisa viva, aberturas, reverberações e excesso – tal qual Irwin e Springgay (2013) descrevem como características de processos a/r/tográficos – abrem conversas em vez de informar, abrem possibilidades para o que se vê e o que não se vê, resistem à previsibilidade e segurança provocando mudanças necessárias a aprendizagens inventivas.

As fotografias que sobreponho de maneira improvisada em mesas, balcões ou mesmo

no chão de uma calçada para conversar com pessoas que encontro em meu caminho não são apenas registros de diálogos, são partes de tramas de aprendizagens que compõem o processo investigativo. São imagens que falam de irregularidades, de combinações inesperadas, de multiplicidades de tempos e espaços que compuseram esses encontros e os processos que os antecederam.



Figura 2: Narrativas produzidas a partir de conversas. Fonte: acervo da pesquisadora

Os atos de fotografar e escrever narrativas não envolveram um desejo de apresentar um trabalho artístico inovador e digno de exposição em galerias ou publicação em coletâneas de poesias. A realização de experiências artísticas esteve menos para o sistema das artes e suas regras de legitimação do que para um processo de diálogo com a pesquisa em educação, no qual almejei dizer não o que aprendi, mas o que as aprendizagens fizeram comigo. A a/r/tografia, em sua proposta de diálogo e borrimento de fronteiras entre os papéis de docente, pesquisadora e artista, me forneceu importantes ferramentas para o uso poético de imagens e textos conectados e integrados.

Pavimentando terrenos movediços

Corazza nos alerta que a educação não deveria ser pensada como a construção de um mundo melhor como se desistíssemos do mundo em que vivemos e buscássemos um além-mundo, uma fuga para fora. Em vez disso podemos pensar em educar para fugirmos “no mesmo lugar, em pura intensidade, numa linha artista e contínua” (2006: 18). Gros reforça que não é necessário ir muito longe, inventar algo totalmente novo, descobrir um novo planeta, pois “caminhar é pôr-se fora do caminho, ocupar uma posição marginal” (Gros, 2010: 98), explorar as brechas possíveis nas margens das estradas de alta velocidade, da busca desenfreada por lucro e produtividade.

Produzir uma cidade-pesquisa é arriscar uma mudança de ritmo, alguns retornos, dedicar alguns olhares mais atentos para aquilo que nos parece óbvio.

Algumas vezes só conseguimos entender as possibilidades de um terreno quando nos prestamos a andar sobre ele. É aí que percebemos o quanto ele pode ser movediço, o quanto as ferramentas que trazemos não são as mais adequadas para aquele deslocamento e então se torna preciso projetar um desvio, um escape às vias principais, pisar em terras batidas e ruas ainda não nomeadas. Ao experimentarmos, por um período de tempo, habitar cotidianamente percursos aparentemente banais, podemos viver outras histórias capazes de romper com a hierarquia e linearidade das histórias oficiais, além de desestabilizar nossos próprios conceitos e preconceitos sobre determinados acontecimentos.

Em meus percursos pela cidade de Goiânia, um morador destacou o quanto as pessoas se relacionam mais com os acontecimentos dos lugares do que com seus nomes. Usou como exemplo uma esquina onde frequentemente ficam reunidos grupos de pessoas alcoolizadas falando alto e perturbando moradores. O nome da rua dificilmente é lembrado, mas no momento em que são mencionados os acontecimentos dados nela corriqueiramente, prontamente todos entendem a que localização trata o relato.

Saber os nomes dos lugares não significa conhecê-los. Muitas vezes é justamente quando ignoramos seus nomes ou experimentamos chamá-los de outras maneiras que passamos a conhecer a cidade pelos efeitos de seus acontecimentos em nós, abrindo o pensamento para multiplicidades e fazendo com que ela se diferencie de si mesma. Ellsworth (2012) fala que aprender envolve processos de imprevisibilidade e que por isso nenhuma narrativa pode antecipar o trabalho do conhecimento, que é inteiramente da ordem da surpresa, do encontro com o novo. Aprender é, para ela, se jogar em intervalos para fora daquilo que já sabemos.

O que aprendi não coincide com o que me foi ensinado. Caí nos intervalos que reverberaram em mim quando movimentada pelos encontros com a cidade, entre uma fotografia e outra, entre a colagem de um lambe-lambe e os efeitos do tempo sobre ele, entre falas dos moradores sobre imagens e sobre si. Nesses intervalos abertos para mim, me perdi e descobri desvios, atalhos, brechas para abertura de novos caminhos. As intervenções não foram respondidas conforme minhas expectativas. Houve fugas, não para outros lugares, mas para outras possibilidades de estar onde estávamos. A provocação que fiz à participação levava a frase ‘Escreva. Continue...’, mas as continuidades não se deram por meio da escrita. A clandestinidade e efemeridade características da colagem de lambe-lambe permitiram que eu percebesse os papéis se modificando na cidade, mas sem o uso de palavras que me aproximassem de forma mais direta das intencionalidades das pessoas que rabiscaram, rasgaram e colaram outros papéis sobre elas.



Figura 3. Narrativas produzidas a partir de intervenções. Fonte: acervo da pesquisadora.

Cada lugar trouxe diferentes respostas às narrativas inseridas. Enquanto em um ponto de ônibus o papel foi totalmente rasgado, rabiscado e sobreposto; em uma praça ele permaneceu intacto por longos meses, sofrendo os efeitos de desbotamento pela ação do sol. Alguns papéis ficaram totalmente sujos; outros amassados pela água da chuva ou invisibilizados pelo excesso de informações que se somaram ao seu redor.

Mais do que efeitos visuais, essas modificações me fizeram aprender sobre meus medos (do papel se apagar, de ninguém interagir, da chuva desmanchar), minhas expectativas (de interação, de aprendizagem), meus encantamentos (com o papel se modificando, com os silêncios também narradores), meus repertórios (O que faz a arte no urbano? O que é essa cidade? O que se aprende da efemeridade?). Com essas modificações imprevisíveis, minha cidade-pesquisa também foi se modificando. Passei a frequentar mais os lugares de intervenções e foi próximo a eles que encontrei os trabalhadores com os quais empreendi conversas disparadas por imagem e pude continuar a aprender em contínuos devires.

Disso tudo fui compondo repertórios vivos que iam povoando a tese. Com tantos elementos habitando-a, era preciso constantemente estudar possibilidades de demarcar alguns caminhos sem deixar de oferecer possibilidades ao leitor de adentrar ou inserir outras vielas não planejadas. Aberturas narrativas, reticências... imagens mais provocativas que representativas de um lugar, falas dos moradores, escritos meus, fotografias da cidade e fotografias das intervenções, diálogos narrativos com essas fotografias e o repertório conceitual... tudo isso foi fazendo com que a cidade se elevasse e que a pavimentação de autoestradas possibilitasse nela a geração de novas chegadas e partidas.

Inventando o álbum de fotografias

Em alguns momentos da viagem fui tentando organizar meu álbum de fotografias para contar às pessoas o que vi e vivi. Eram muitas as possibilidades narrativas, muitas verdades possíveis. Mais do que resumir uma viagem, a produção de narrativas trata de inventar possibilidades lineares para o que foi vivido. Aprendemos sobre o que somos na cidade pelo próprio ato de organizar nossos relatos. Uma tese não traz a verdade sobre a investigação, ela traz uma versão repleta de escolhas conscientes e alguns acasos.

Constituí minha cidade-pesquisa atravessada pela cidade que habitei e pelos intervalos em que aceitei jogar entre prioridades e descartes, tendo em vista meus repertórios e minha capacidade de ver, sentir, perguntar e dizer.

Nas intensidades de meus percursos tinha em mente que não trabalhava apenas com a visão, mas com visualidades –imagens que povoavam “práticas culturais que nos ajudam a compreender o mundo social” (Martins, 2009: 35). Esse foi um dos critérios para organizar o que deixaria visível aos leitores de minha escrita. Em vez de apresentar imagens de meus percursos, especificando o ponto exato onde cada fotografia foi produzida, trabalhei com imagens de detalhes, buscando, pela incompletude, explorar singularidades de moradores a partir das narrativas que cada um traçava através das visualidades (chuvas, plantas, arabescos, animais...) e para onde aqueles imaginários coletivos eram levados entre suas falas e meus pensamentos.

Eles não sabiam de onde vinha a água fotografada, de que casa era o arabesco registrado, em qual muro descansava o calango ou em qual praça florescia uma árvore, mas buscavam as águas, os arabescos, os calangos e as árvores existentes em suas memórias e desejos, em fatos ocorridos em diferentes tempos e lugares, fazendo com que os sentidos de cidade não se limitassem ao espaço/tempo em que me fiz presente conhecendo e fotografando tais elementos.



Figura 4: fotografias que disparam as conversas. Fonte: acervo da pesquisadora

Uma moradora, em uma das conversas, me falou sobre seu incômodo com pessoas vindas de outros lugares do país. Um morador apontou o curioso contraste comportamental existente devido a essa diversidade. Muito do que, para mim, já fazia parte do modo de vida local, para eles advinha de culturas incorporadas recentemente: a música, modos de se vestir, modos de falar, a elevação de muros, o horário de fechamento das portas de alguns comércios... tudo isso foi me levando a conhecer preconceitos, desejos, incômodos e hábitos que acompanham as maneiras com que essas pessoas se relacionam com as imagens e com a cidade, e que vão, ao mesmo tempo, se somando às minhas possibilidades de me entender como forasteira naquela cidade.

Na escrita acontece a mesma coisa. O que compõe a escrita não são só palavras registradas no momento, mas modos de narrar entre lembranças passadas e desejos futuros. Não bastava apresentar imagens e textos relatando o que aconteceu, era preciso trazer esses acontecimentos para o ato de escrever e deixar-me modificar pela prática de pensar escrevendo. Tentando fundir saber, fazer e realizar, como propõe a a/r/tografia (Dias; Irwin, 2013), fiz com que textos e imagens compusessem juntos discursos provocativos onde a arte é atuante e presente, não representante de algo exterior.

A partir de Martins (2009), entendi como visualidades só existem na coletividade, nos sentidos culturais produzidos em torno de imagens. Pensar aprendizagens a partir de visualidades implica muito mais do que identificar elementos visuais; exige que sejamos tocados de maneira singular por seus signos. Visualidades como as pipas, os calangos e os arabescos entraram na cidade-pesquisa como devires propulsores de narrativas, tanto na redação do texto dissertativo quanto em meu deslocamento entre intervenções, fotografias e conversas. Sem esses devires estaria produzindo uma cidade fantasma, habitada somente por certezas de um passado que não mais se movimenta. É pelas visualidades que adentrei um pouco do que se vive nesses locais de passagem e que aprendi a viver neles para fazê-los viver na investigação que produzia.

Ao retornar da viagem, experimentei percorrer as fotografias para relembrar as experiências vividas. Em vez de reviver experiências, o que aconteceu foi o surgimento de novos pensamentos, novas possibilidades de existir e pô-las em movimento. Quando trato de aprendizagens em devir vejo que as respostas que podemos obter e os itinerários que podemos traçar são sempre momentâneos, ao passo que tanto nós quanto os lugares que se constituem por nossas passagens estamos constantemente sendo reinventados.

Tornar a acessar o material investigativo pode gerar a angústia de percebermos que poderia ter sido diferente, que poderíamos ter seguido outros caminhos, mas podemos

também pensar que isso acontece porque nós nos tornamos outros a cada jornada e que a casa para a qual retornamos já não será a mesma para nossos olhos modificados. É preciso reaprender o que parecia óbvio e natural, como se as fotografias tivessem tido sua ordem alterada e a narrativa não provocasse mais o mesmo efeito em nós. Ou seja, aprendemos e seguimos aprendendo...

Seguindo viagem

Em uma investigação, nem todas as estradas podem ser exploradas e tampouco pavimentadas. Por isso precisamos fazer escolhas, analisar as possibilidades e o que nos interessa delas e entender que uma cidade é composta de muitas cidades, que seus moradores constantemente visitam outros mundos que fazem com que suas percepções territoriais se alterem. Não percorremos linearmente uma cidade-pesquisa, pois cada leitura e escrita só acontece conectada a outras leituras e escritas que trazem diversidade e possibilidade de aprendizagem a cada passo arriscado sobre terras investigativas. Prédios seguiram a ser elevados, casas a mudarem suas fachadas e moradores. Não pude conhecer todas as ruas nem todos os moradores. A cidade-pesquisa não chega ao fim, mas a viagem tem data para acabar e é preciso superar essas impossibilidades de aproveitar tudo. Outros viajantes chegarão, outras cidades serão narradas por cima dessa, como lambe-lambes que se sobrepõem e persistem a escancarar sua efemeridade.

Neste artigo não pretendi apresentar um resumo de uma tese, mas uma cartografia de pensamentos movimentados ao longo de sua produção. Em vez de listar o que aprendi ou apontar resultados ou constatações, essa escrita (e também a tese que me provocou a fazê-la) povoa uma investigação acadêmica que não respira desvinculada da vida cotidiana. O que lemos, vemos, ouvimos, dizemos, fazemos está imbricado no que somos capazes de fazer e dizer no mundo e sobre o mundo. Como o mundo é maior que nossas capacidades e como nossas capacidades podem ir além de um único mundo, multiplicam-se as cidades... e a viagem continua...

Referências

BONDIA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: *Revista Brasileira de Educação*, n.19, p.20-28, 2002. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>>. Acesso em maio de 2016.

CORAZZA, Sandra. *Artistagens: filosofia da diferença e educação*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (Orgs.). *Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia*. Santa Maria: Editora UFSM, 2013.

ELLSWORTH, Elizabeth. *Places of learning: media, architecture, pedagogy*. Nova Iorque: Editora Routledge, 2012.

GARGALLO, Francesca. Intentando acercarme a una razón narrativa. *Revista Intersticios*. Filosofía, arte, religión. Universidad Intercontinental, Ciudad de México, vol. 8, n. 19, 2003.

GROS, Frédéric. *Caminhar, uma filosofia*. São Paulo: Editora É Realizações, 2010.

IRWIN, Rita. A/r/tografia. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (Orgs.) *Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia*. Santa Maria: Editora UFSM, p. 27-35, 2013.

IRWIN, Rita L.; SPRINGGAY, Stephanie. A/r/tografia como forma de Pesquisa Baseada na Prática. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L (Orgs.). *Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia*. Santa Maria: Editora UFSM, p. 137-153, 2013.

KASTRUP, Virgínia. *A Invenção de si e do mundo*. Uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2007.

MARTINS, Raimundo. Narrativas Visuais: imagens, visualidades e experiência educativa. In: *Dossiê Imagens em Deslocamento: educação e visibilidade*. VIS - Revista do Programa de Pós Graduação em Arte. Brasília: Editora Brasil, v.8. n°1, , p. 33-39, Janeiro/Junho de 2009.

Tamirez Vaz é Doutora em Arte e Cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás, Mestra em Educação e Graduada em Artes Visuais pela Universidade Federal de Santa Maria. Atua como docente adjunta do Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia. Suas pesquisas giram em torno das relações entre pessoas e lugares, abordando a arte pelo cotidiano urbano, os encontros e os percursos que atravessam as aprendizagens a partir de imagens. Principais linhas de investigação: intervenções urbanas, cultura visual, aprendizagem em processo.